



RELATO DE EXPERIÊNCIA

JORNALISMO, GÊNEROS E SEXUALIDADES: IMPACTOS NA TRAJETÓRIA FORMATIVA NA UFOP

Gabriel Maciel Penha, gabriel.penha@aluno.ufop.edu.br¹
Karina Gomes Barbosa, karina.barbosa@gmail.com² (orientadora do trabalho)

RESUMO

O presente texto pretende apresentar os resultados do projeto de pesquisa *Impacto do ensino de gênero e sexualidade na formação em Jornalismo* e o processo construtivo para a elaboração desta. A pesquisa surge do desdobramento de percepções dos professores que ministraram a disciplina eletiva “Gênero e Jornalismo” no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop) de que havia uma relação entre o aprofundamento das discussões de gênero e sexualidade no curso com o aumento nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) com a temática. O objetivo foi, a partir de um levantamento quantitativo e qualitativo, alcançar dados sobre tais avanços. Entre nossas conclusões, percebemos que há aumento expressivo de trabalhos com esta temática a partir da implantação da eletiva.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de jornalismo. Projeto de ensino. TCC. Diretrizes Curriculares.

1. INTRODUÇÃO

O Programa Pró-Ativa foi criado pela Pró-reitoria de Graduação da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop) para contribuir com “a melhoria do ensino de graduação, por meio de desenvolvimento de propostas de aperfeiçoamento das práticas pedagógicas; elaboração e organização de materiais e coleções didáticas de auxílio às disciplinas; dentre outras experiências inovadoras” (Prograd, 2023). Em 2024, a Ufop ofertou 90 bolsas Pró-Ativa em três linhas: pesquisa com egressos; avaliação de cursos de graduação; e currículos dos cursos, na qual esta proposta se encaixou. De acordo com o edital (Prograd 74/14 de dezembro de 2023),

¹ Graduando em jornalismo pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). Bolsista pró-ativa entre abr 2024- nov 2024. Integrante do observatório de mídia, gênero e sexualidade *Ariadnes*.

² Doutora em Comunicação Social pela Universidade de Brasília (UnB). Professora do curso de Jornalismo e pesquisadora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop).



A linha tem como objetivo o desenvolvimento de projetos que propõem a revisão dos currículos dos cursos de graduação da UFOP, abrangendo estudos sobre: [...] vi) inclusão e temas transversais; vii) estágio supervisionado; viii) trabalho de conclusão de curso e ix) curricularização da extensão; x) o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no ensino; xi) utilização de carga horária na modalidade de Ensino à Distância - EaD em cursos de graduação presenciais. Os trabalhos desenvolvidos, que deverão contemplar pelo menos uma das abrangências, deverão subsidiar o Colegiado de Curso e o Núcleo Docente Estruturante na revisão do Projeto Pedagógico do Curso. (Prograd, 2023, p. 1-2)

Deste chamado nasceu o projeto *Impacto do ensino de gênero e sexualidade na formação em Jornalismo*, contemplado com bolsa de pesquisa de abril a novembro de 2024. O objetivo foi investigar de que modo o ensino de temas relacionados a gênero e sexualidade tem impactado na formação de jornalistas pela Ufop, a partir da criação, em 2014, e implantação da disciplina eletiva “Gênero e Jornalismo” na matriz curricular de 2015, ministrada pela primeira vez em 2016.

Para apresentar o cenário da formação com olhar genderado de jornalistas da Ufop, nos debruçamos sobre os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) desenvolvidos no curso, relacionando-os à oferta da eletiva. O curso foi implantado em 2008, dentro do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), e a primeira turma concluiu a graduação em 2012.1. Nosso PPC permite o desenvolvimento de monografias e projetos experimentais, que contam com memorial. Historicamente, os projetos têm incluído formatos comunicacionais diversos, como revista, podcast, documentário, grande reportagem, reportagem multimídia, livro-reportagem, fotolivro, entre outros.

A pesquisa parte do princípio de que a produção destes trabalhos representa o cerne da formação, bem como as preferências temáticas, de formatos, gênero, etc, dos estudantes. Isso porque eles mergulham no tema na disciplina “Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação”, no TCC 1 e no TCC 2 – ou seja, ao longo de, pelo menos, um ano e meio da graduação. Ao observarmos os temas dos TCCs, conseguimos perceber como se efetivam, no curso, as múltiplas noções de gênero e sexualidade que emergem nas percepções das e dos egressos. Assim, a pesquisa foi realizada de modo quantitativo e qualitativo, observando a existência – ou não – do debate de gênero e



sexualidade nos projetos, desde a primeira turma do curso a se formar, em 2012, até o final de 2024.

O ponto norteador da pesquisa foi a criação da disciplina eletiva “Gênero e Jornalismo”. Oferecida periodicamente desde 2016.2, a disciplina foi ministrada por dois docentes efetivos do curso de Jornalismo da Ufop, por cinco vezes. Reformulada pelo Projeto Político Pedagógico do curso de jornalismo (PPC) de 2024, a eletiva “Jornalismo, Gêneros e Sexualidades”, ministrada pela primeira vez no período letivo 2024.2 (que ocorre entre novembro de 2024 e abril de 2025), trata de

Perspectivas teóricas, metodológicas, epistemológicas e políticas dos estudos de gênero e de sexualidade no âmbito da Comunicação. Construções e representações de gêneros e de sexualidades no âmbito dos produtos midiáticos e jornalísticos. Identidades, diferenças e relações de poder no contexto comunicacional. Interseccionalidade. Relações entre os estudos de Comunicação e as questões de gênero e de sexualidade nos jornalismo. (Dejor, 2025, p. 1)

A oferta de disciplinas relacionadas à formação gendrada em jornalismo surge do desejo de interiorizar o ensino de gênero e sexualidade no campo da comunicação no interior de Minas Gerais (Gomes Barbosa; Viero, 2022). Até o momento, a experiência ocorreu em seis momentos distintos na Ufop: nos períodos letivos 2016.2, 2017.2, 2022.2 e 2024.2, ministrada pela docente Karina Gomes Barbosa; e em 2019.1 e 2020.1 pelo docente Felipe Viero³. No atual período letivo, a disciplina perpassa a construção dos conceitos necessários para a formação de jornalistas com perspectiva gendrada, acompanhada de estudos de caso, tipologia de violências, noções de direitos humanos e protocolos específicos de cobertura dentro de subtemas, como direitos reprodutivos, feminicídio, violência política de gênero, entre outros.

A pesquisa abarca os cinco primeiros semestres em que a disciplina foi ofertada. Esses dados foram observados sob critérios quantitativos e qualitativos (Bauer; Gaskell, 2008), a partir de uma análise documental. Nesse sentido, a pesquisa se baseia na relevância da formação jornalística atenta às questões de gênero e

³ Atualmente, Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça integra o corpo docente da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).



sexualidade, em conformidade com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da Ufop com vigência de 2016 a 2025.

Dessa forma, a pesquisa evidencia o impacto alcançado no ensino a partir do compartilhamento de experiências e leituras críticas de teorias feministas e estudos de gênero, de um olhar interseccional. Foi a partir deste objetivo que a pesquisa catalogou 98,73% dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) desde a primeira turma formada do curso de Jornalismo até o primeiro semestre letivo de 2024, que se encerrou em outubro – tendo em vista a irregularidade do calendário da graduação por conta da greve docente de 2024.

2. A IMPORTÂNCIA DO TEMA NO ENSINO DE JORNALISMO

Gomes Barbosa e Viero (2022) traçam conclusões qualitativas da reverberação que a disciplina trouxe para o curso de Jornalismo desde 2016. Então docentes da graduação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da universidade, ambos ministraram a disciplina durante as ofertas. De acordo com eles:

Buscamos, com isso, fazer emergir modelos de jornalismo diversos e plurais, que reconheçam a natureza masculina do padrão hegemônico e busquem formas de transformá-lo, desafiá-lo, instabilizá-lo, por meio de experimentações, novas visadas e olhares subversivos. (Gomes Barbosa; Viero, 2022, p. 2)

Compreendemos que a formação objetiva formar jornalistas competentes para compreender e fazer circular temas relacionados à valorização dos direitos humanos, conforme previsto no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (Fenaj, 2007). Apesar de Gomes Barbosa e Varão (2024, p. 171) detectarem no CEJB “menções vagas, desatualizadas e sem orientações quanto à prática jornalística”, o principal código deontológico da profissão no país timidamente reconhece a importância de gênero e sexualidade para a atuação ética de jornalistas.

O compromisso com os direitos humanos também está previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo (DCNs, 2013) –



ainda que este não mencione explicitamente gênero ou sexualidade – e no Plano de Desenvolvimento Institucional da Ufop. O PDI elenca e discute uma série de referenciais que os PPCs dos cursos de graduação da universidade devem incorporar para produzir conhecimento capaz de contribuir para a formação de sujeitos e profissionais éticos(as), críticos(as), reflexivos(as), criativos(as), empreendedores(as), humanistas e agentes de mudança para a construção (e manutenção) de uma sociedade democrática, justa, soberana e socioeconomicamente desenvolvida (Ufop, 2016).

Um desses indicadores é o “estímulo à formação em temáticas como a ética, o meio ambiente, a diversidade sociocultural e os direitos humanos” (Ufop, 2016, p. 33). Gênero e sexualidade integram as temáticas elencadas pelo PDI neste eixo, na medida em que concernem questões de direitos humanos que devem constituir os processos educacionais com vistas à transformação social e à eliminação de preconceitos, iniquidades e violências, além de contribuir para o respeito à diversidade e à diferença no ambiente educacional, no âmbito da comunidade universitária e na ação dos/as egressos/as da Ufop no mundo.

É sobre essas perspectivas que o ensino de gênero e sexualidade na formação em jornalismo pretende romper com os padrões patriarcais de prática e pesquisa da profissão, a partir da formação especializada e informada. Assim, urge um ensino que traga para os grupos subalternizados uma perspectiva de mudança deste cenário. Apresentar e mostrar um jornalismo que fuja da objetividade, de concepções científicas e modelos patriarcais de informação é escapar daquilo que Miguel e Biroli (2010, p. 71) apresentam sobre a mimetização do padrão discursivo dominante do jornalismo, no qual: “os porta-vozes dos grupos subalternos tornam-se incapazes de transmitir sua experiência vivida [...] vão, com frequência, ‘ser falados’ por outros. Seus interesses presumidos são vocalizados na esfera pública por outros agentes”.

3. A PESQUISA



A pesquisa se iniciou pelo mapeamento dos TCCs, que foram catalogados com autor/a; orientador/a; título, resumo e palavras-chave. A ideia inicial era buscar os trabalhos na Biblioteca do ICSA, nos exemplares físicos dos TCCs depositados (pois o repositório digital foi implantado posteriormente); nas atas de defesa armazenadas pelo Colegiado de Jornalismo; e nos dados disponíveis no site do curso de Jornalismo (www.jornalismo.ufop.br), que tem uma área com trabalhos defendidos até 2018.2. Também utilizamos como fonte o calendário das defesas publicado semestralmente no site do curso⁴. A segunda etapa consistiu em obter os diários de classe das ofertas da disciplina; catalogamos quem se matriculou e concluiu, quem trancou ou não obteve aprovação. Em seguida, cruzamos os nomes dos diários de classe com os dados dos TCCs, a fim de investigar os temas dos trabalhos dos/as estudantes que cursaram a disciplina.

Uma dificuldade na obtenção dos dados dos TCCs foi que muitos trabalhos defendidos não foram depositados nem no repositório digital nem fisicamente, e apenas pelos títulos era difícil saber se tinham ou não perspectiva gendrada. Assim, tivemos de entrar em contato com docentes do curso – atuais e antigos – e perguntar se os respectivos trabalhos tinham ou não perspectiva de gênero ou sexualidade. Contatamos 13 professores, acerca de 18 TCCs, dos quais 10 nos responderam. Os diários de classe também nos demandaram ajuda do Colegiado do curso de Jornalismo, já que nem todos estavam com os docentes.

A catalogação alcançou 626 TCCs produzidos pelo curso, os quais dividimos em “pré-disciplina” e “pós-disciplina”. Depois, selecionamos aqueles com palavras relacionadas aos temas nos títulos, resumos ou palavras-chave. Entre os termos estão “gênero”, “mulher(es)”, “feminino”, “travesti(s)”, “transexual(is)”, “mãe(s)”, “maternidade”, “queer”, “homem(ns)”, “masculinidade(s)”, “diversidade”,

⁴ Trabalhar com repositórios físico e digital representou limitação, pouco significativa, nos resultados, pois há egressos/as que não depositam as versões finais dos TCCs. O curso de Jornalismo possui altos índices de conclusão e baixas taxas de evasão, segundo a Prograd/Ufop. Nos primeiros anos do curso, o depósito não estava vinculado à obtenção do diploma. Hoje, a Ufop exige que o trabalho esteja na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso (BDTCC) para emissão do diploma. Ainda assim, há casos em que não houve depósito.



“sexualidade(s)”, “sexo”. Também lemos os resumos dos TCCs que não tinham tais descritores no título ou palavras-chave mas poderiam ter inflexão gendrada, o que costuma ficar claro nos resumos.

Uma percepção durante a coleta foi a fragilidade conceitual em determinadas palavras-chave para identificar o tema. Isso ocorreu, por exemplo, no trabalho “Anjos e Sonhos: Bagagens - um podcast seriado sobre juventude, negritude e sexualidade” (Souza, 2023). O trabalho traz como descritores: Ficção; Identidade de gênero; Narrativas digitais; Negros - identidade racial; Podcasting. Entretanto, o autor propõe trabalhar conceitos sobre sexualidade e não “identidade de gênero”, conforme o resumo: “[...] com o objetivo de contar uma história ficcional, desenvolvi uma série narrativa que cruza temas relacionados à juventude, negritude e sexualidade” (Souza, 2023, p. 5).

Ao realizar uma catalogação geral dos TCCs, conseqüentemente, também montamos um banco de dados amplo, oferecendo uma interpretação de diversos eixos e competências que a formação em jornalismo na Ufop estabelece, além das preferências históricas de estudantes quando do desenvolvimento dos trabalhos de conclusão.

A partir das análises dos dados, bem como da experiência pessoal como pesquisador, graduando e aluno da eletiva, percebe-se o efeito de identificação e reflexão acerca dos estudos propostos pela disciplina. As experiências enquanto sujeito gay e estudante de Jornalismo são imbricadas pelos debates em sala, que se reflete em preferências de pesquisa e um olhar atento às questões de gênero e sexualidade na prática jornalística. Logo, os dados apontam para a potencialização das vivências dos sujeitos, refletidas no aumento do tema nos TCCs, em relação à pré-disciplina.

4. RESULTADOS OBTIDOS

Por meio do levantamento de TCCs, mapeamos marcos importantes, como o primeiro TCC com perspectiva de gênero e o primeiro de sexualidade. Ainda que a

temática tenha sido esparsa nos primeiros anos do curso, já nas primeiras turmas notava-se algum interesse pelos estudos da área. Não houve nenhum TCC na temática em 2012.1, mas, junto a temas diversos, surge em 2012.2 o trabalho: “O eterno feminino que se transforma: estudos feministas na revista TPM” (Ferreira, 2013), o primeiro do curso a trabalhar gênero na comunicação. A partir das palavras-chave: Beauvoir, Simone de; 1908-1986; Feminismo; TPM - Periódicos; Mídia digital, a monografia é a única do primeiro ano de defesas do curso sobre gênero.

Subsequentemente, em 2013.1, no trabalho “Análise da sexualidade no filme Fale com ela, de Pedro Almodóvar, com base nos estudos culturais” (Abreu; Coutrim, 2013), emerge o debate sobre sexualidade. As palavras-chave indicam as discussões do TCC: Corpo humano; Aspectos eróticos; Identidade de gênero; Sexo. O trabalho inaugura no curso as produções comunicacionais acerca da sexualidade. Neste intervalo de um ano de defesas há um número tímido de trabalhos gendrados – mais um além dos dois mencionados acima.

A presença pouco expressiva de trabalhos se mantém até a primeira oferta da disciplina, quando visualizamos um aumento da presença de trabalhos nos semestres seguintes. A tabela abaixo apresenta a relação de trabalhos pré e pós-disciplina:

TABELA 1 - Distribuição histórica de TCCs sobre gênero e sexualidade no curso de Jornalismo da Ufop

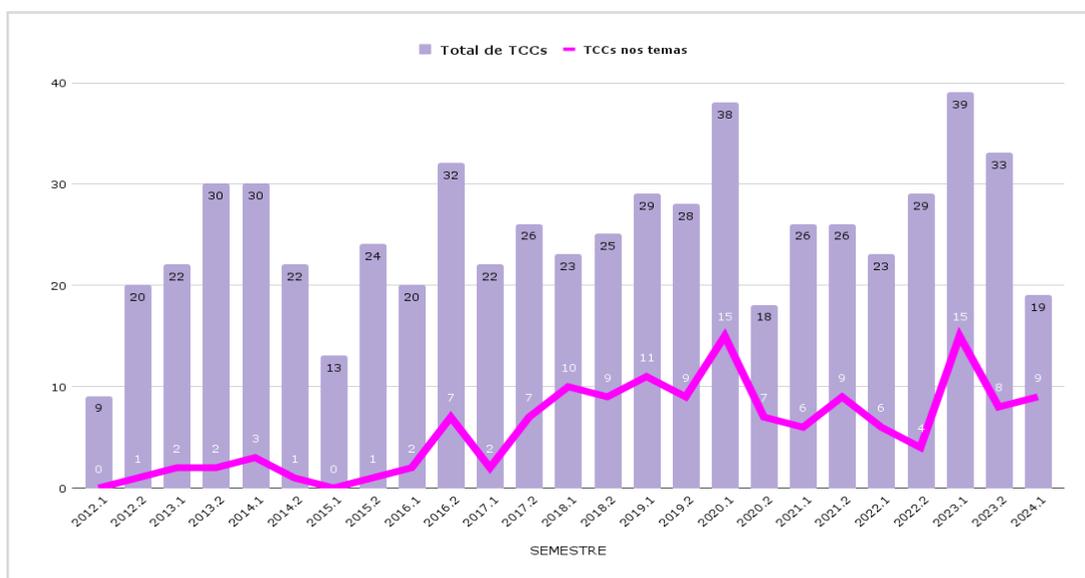
Período	Total de TCCs	TCCs nos temas	% em relação ao todo
Pré-disciplina (2012.1 a 2016.2)	190	12	6,3%
Pós-disciplina (2016.2 a 2024.1)	436	134	30,7%

FONTE: os autores.

Após a implantação da disciplina, percebemos uma estabilidade, observável no gráfico 1, em relação à quantidade total de TCCs e os TCCs nos temas de gênero e/ou sexualidade. Esse dado indica a permanência e constância nos interesses dos discentes

do curso, em vez de evento esporádico. Vale destacar que os trabalhos dos discentes que cursam a disciplina se pulverizam com o passar dos períodos, pois sua oferta é disponibilizada a partir dos estudantes do 2º período.

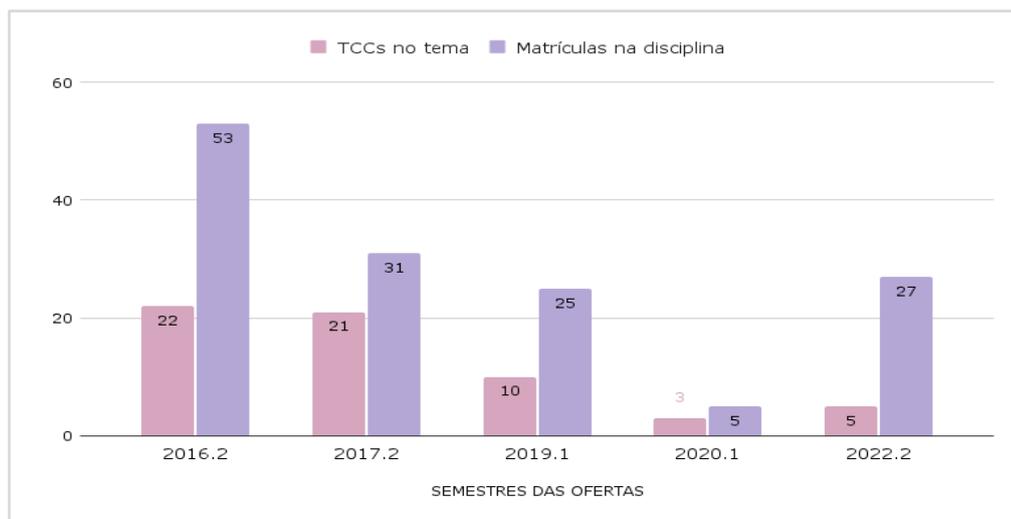
GRÁFICO 1 - Relação semestral entre o total de TCCs e os TCCs nos temas de gênero e sexualidade



FONTE: os autores.

Entre os resultados, também detectamos o impacto direto entre a oferta da disciplina e os trabalhos de conclusão sobre os temas entre quem se matriculou na eletiva. Na segunda oferta, em 2017.2, 66,7% dos TCCs desenvolvidos por quem se matriculou versaram sobre gênero ou sexualidade – o maior índice. Na primeira oferta, o percentual foi de 41,5%; em 2019.1, 40%; em 2020.1, 60%; e, em 2022.2, o menor índice, de 18,5% – valor ainda expressivo, levando-se em consideração de que não se trata de temas obrigatórios no currículo. Importante notar que o desenvolvimento do TCC não costuma coincidir com o semestre em que a disciplina é cursada, pois projetos experimentais e monografias são desenvolvidos no 7º e 8º períodos e há tendência dos estudantes a concentrarem as eletivas até o 6º período. Conforme o gráfico 2, a pesquisa aponta expressivamente o engajamento discente:

GRÁFICO 2 - Relação entre matrículas na disciplina e TCCs sobre gênero e sexualidade



FONTE: os autores.

Visualizamos, assim, o impacto nos TCCs sobre gênero e sexualidade após a oferta da eletiva. Destacamos, ainda, o baixo número de matriculados na oferta de 2020.1. Esse dado caracteriza-se pela oferta remota da disciplina durante o regime letivo especial por conta da pandemia de Covid-19. Outro dado é o aumento da média de 1,3 TCC sobre gênero e sexualidade por período, antes da disciplina, para 8,3 TCCs posteriormente. Além disso, é possível observar a estabilidade entre as defesas gerais de TCCs e as defesas no tema⁵.

5. MINHA EXPERIÊNCIA

A pesquisa foi realizada anteriormente à minha matrícula na disciplina. Nela, vivenciei a prática de ensino para a produção de um jornalismo crítico que se vale de princípios éticos, baseados nos direitos humanos. No 7º período, em poucos momentos

⁵ Dos 626 trabalhos catalogados, oito estão fora dos dados. Três podem ser sinalizados com perspectiva de gênero ou sexualidade e 5 não. Esses dados não estão inseridos formalmente no projeto, mas constituem apenas 1,27% em relação ao total de TCCs do curso.



o curso me ofereceu oportunidade para tematizar com ênfase questões sobre a cobertura de gênero e sexualidade. As discussões contundentes sobre termos técnicos para tratar a cobertura do tema a partir de leis, documentos, teorias e percepções sociais é construtiva para a formação no jornalismo.

Além disso, a maneira como o debate é construído alicerça o diálogo dos estudantes, em sua maioria mulheres cis gêneros, homens gays e comunidade LGBTQIAPN+. Por meio das leituras da disciplina, discutimos vivências que ultrapassam o exercício jornalístico e desvelam identidades individuais, que permeiam o exercício da profissão. Ainda que eu estivesse inserido há praticamente um ano no *Ariadnes* – observatório de gênero, mídia e sexualidade – discutir sobre o tema na sala de aula é capacitar e habilitar a mim e a outros profissionais para executar uma comunicação gendrada e crítica.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa, nota-se o interesse e engajamento dos discentes do curso de Jornalismo por um olhar crítico às questões de gênero e sexualidade. Isso deve ser observado pela Ufop, que deve investir em um PDI que estruture esse projeto de ensino para o Jornalismo e demais cursos. Deve-se pensar também a incorporação no PDI de uma política institucional dedicada à comunidade LGBTQIAPN+, pois na pesquisa notamos a fragilidade da instituição em tratar, documental e sistematicamente, sobre sexualidade. Isso pode ser observado pelo procedimento de catalogação da BDTCC, a qual pouco traz como palavra-chave “sexualidade”.

Além disso, percebe-se que a iniciativa de gendramento do jornalismo na Ufop não deve ser centrada apenas na oferta da eletiva, que é uma potente ferramenta para ensino, mas também por todas as outras disciplinas – obrigatórias ou não. No âmbito do curso, é importante pensar a presença desses temas no PPC e na matriz curricular. Espera-se que o curso utilize em suas ementas o olhar imbricado aos direitos humanos, pensando na interseccionalidade das coberturas e produtos midiáticos.



REFERÊNCIAS

ABREU, Kamilla Tavares; COUTRIM, Mayara da Exaltação. **Análise da sexualidade no filme Fale com Ela, de Pedro Almodóvar, com base nos Estudos Culturais.** Monografia (graduação)- Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), Instituto Ciências Sociais Aplicadas (Icsa), Mariana–MG, 2013.

DEJOR. **Programa da disciplina Jornalismo, Gêneros e Sexualidades.** Mariana, MG, 2025, p. 1-1.

FENAJ. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.** Brasília: Fenaj, 2007.

FERREIRA, Ana Carolina Meirelles Andrade. **O Eterno Feminino que se transforma: estudos feministas na revista TPM.** Monografia (graduação)- Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), Instituto Ciências Sociais Aplicadas (Icsa), Mariana–MG, 2013.

GOMES BARBOSA, Karina; KOLINSKI, Vieiro. **Gênero e sexualidade na formação em comunicação.** REBEJ. V.12, n.30, 2022.

GOMES BARBOSA, Karina; VARÃO, Rafiza. **Corpos ausentes: gênero e sexualidade em códigos deontológicos sobre jornalismo no Brasil.** Estudos em Jornalismo e Mídia, v. 21 n. 1, jan-jun. 2024, p. 161-174.

MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Jornalismo.** RESOLUÇÃO Nº 1, DE 27 DE SETEMBRO DE 2013. Brasília, 20 fev 2013.

MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. **A produção da imparcialidade: a construção do discurso universal a partir da perspectiva jornalística.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 25, n. 73, p. 59-76. 2010.

PROGRAD. **Edital nº 74, de 14 de dezembro de 2023.** Ouro Preto, MG, 2023, n. 74, p. 1-8.

SOUZA, Cleverton Monteiro De. **Anjos e Sonhos [manuscrito]: Bagagens: um podcast seriado sobre juventude, negritude e sexualidade.** Monografia (graduação)- Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), Instituto Ciências Sociais Aplicadas (Icsa), Mariana–MG, 2023.

UFOP. **Plano de Desenvolvimento Institucional.** Ouro Preto. 3 out 2016.